

DA HIPERCORREÇÃO AO REFORÇO PRAGMÁTICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MARCA DE INFINITIVO

Caio Mieiro MENDONÇA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: Este trabalho visa a analisar o uso hipercorretivo marca morfológica de infinitivo como reforço pragmático, como em i. “não **entend**ir nadar”; ii. “**Oir**, tudo bom?”; iii. “ce tá **lindor**”. Os dados observados nesta análise são de produções escritas em ambientes virtuais, como as redes sociais Twitter e Instagram, e aplicativos de chat, como o WhatsApp. Os objetivos deste artigo são: mostrar como o comportamento prescritivo leva a padrões de hipercorreção, e discutir como ocorre a transição do -r de uma marca hipercorretiva para uma marca de reforço pragmático, identificando suas principais funções textuais-discursivas. As análises aqui desenvolvidas aparam-se nos Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2016 [2002]; HEINE, 2002; PIERREHUMBERT, 2003, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2020).

PALAVRAS-CHAVE: Hipercorreção, Infinitivo, Reforço pragmático.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como escopo de análise o uso hipercorretivo marca morfológica de infinitivo como reforço pragmático, tal qual nos exemplos: i. “não **entend**ir nadar”; ii. “**Oir**, tudo bom?”; iii. “ce tá **lindor**”. As reflexões presentes neste artigo dão continuidade ao estudo de mestrado do autor (Mendonça, 2021), no qual foram investigados os condicionantes de ordem estrutural para o fenômeno variável da hipercorreção quanto ao uso da marca de infinitivo. Observam-se, neste trabalho, dados retirados de plataformas digitais, tais quais as redes sociais *Twitter* e *Instagram*, e aplicativos de chat, como o *WhatsApp*. Os objetivos deste artigo consistem em apresentar reflexões sobre como o comportamento prescritivo leva a padrões de hipercorreção, e discutir, a partir de análises qualitativas de dados de produções escritas, como ocorre a transição do -r de uma marca hipercorretiva para uma marca de reforço pragmático, identificando suas principais funções textuais-discursivas. A base teórica consultada consiste nos Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2016 [2002]; HEINE, 2002; PIERREHUMBERT, 2003, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2020).

Este artigo apresenta, além desta introdução e da conclusão, três seções. A primeira seção, *Hipercorreção: insegurança e monitoramento*, discute o processo de hipercorreção, apresentando brevemente a literatura da área. A segunda seção, *Prescrições em ambientes digitais*, apresenta como o infinitivo é saliente à percepção dos usuários da língua e como os comportamentos prescritivos levam a padrões de hipercorreção. A terceira seção, *Enriquecimento de contextos de uso*, aborda o estabelecimento do reforço pragmático a partir da avaliação dos falantes sobre a hipercorreção da marca de infinitivo.

1. HIPERCORREÇÃO: INSEGURANÇA E MONITORAMENTO

A literatura sobre a hipercorreção define o fenômeno como o processo pelo qual são criadas formas linguísticas que se afastam das variedades prestigiadas e da norma-padrão, que

Da hipercorreção ao reforço pragmático: considerações sobre a marca de infinitivo

ocorre quando o falante, por insegurança linguística, monitora sua fala, reproduzindo traços linguísticos tomados como modelares (normalmente, traços presentes nas variedades mais prestigiadas ou ainda traços que a escola reforça com aporte na norma-padrão, mas cujos contextos de uso falha em sistematizar), a fim de adequar sua linguagem ao que considera culto e prestigioso (LABOV, 2008; BAGNO, 2012; BORTONE e ALVES, 2014).

O processo hipercorretivo ocorre tanto de maneira aleatória, em que as formas criadas são isoladas, ocorrendo em uma situação comunicativa que exige do falante maior monitoramento da produção linguística, por exemplo (variação estilística¹); e também de modo sistemático, quando o falante produz um padrão previsível de hipercorreção, como o uso recorrente de vogais médias em itens lexicais específicos, tais quais *privilégio* e *adogado*², e o fenômeno sintático do dequeísmo (MOLLICA, 1998), como em “o fato *de que* você mencionou”.

Hipercorreção, segundo Labov (1976 *apud* MOLLICA, 1998), significa ultrapassar os *scores* apresentados por falantes de determinado grupo prestigiado socialmente. O processo decorre da atribuição de valores sociais às variantes; é uma hipersensibilidade ao prestígio que gera insegurança linguística no falante e o leva a monitorar seu estilo de fala, tendo por base uma percepção equivocada do seu próprio discurso que enxerga apenas os traços estigmatizados de sua fala, sem uma sistematicidade quanto ao(s) contexto(s) nos quais há estigma. Dessa forma, o falante, tomando como régua os traços prestigiados dos demais grupos sociais, corrige irrestritamente o que identifica como erro em sua própria fala, levando a usos hipercorretos.

Bagno (2012, p. 83) se refere à hipercorreção como uma prática de “higiene verbal”, destacando que os falantes, tentando alcançar um ideal de “língua boa”, se afastam tanto de suas próprias gramáticas quanto da gramática normativa. Calvet (2002) postula que a hipercorreção está relacionada com a insegurança linguística: quando os falantes entendem seu modo de falar como estigmatizado e reconhecem outra(s) variedade(s) como modelares. Calvet (2002) afirma ainda que ocorre uma imitação exagerada das formas prestigiadas. Para o autor, um dos resultados da hipercorreção é a ridicularização das imitações (e dos falantes) por parte dos membros de estratos sociais mais prestigiados (p. 79). Na esteira do que postulam Calvet (2002) e Bagno (2012), Bortone e Alves (2014) salientam que os falantes envolvidos em processos de mobilidade social ascendente que possuem algum conhecimento da norma-padrão por vezes se sentem inseguros quando do contato com modalidades novas de fala, e isso pode levar à hipercorreção se as regras da norma-padrão tiverem sido tardiamente interiorizadas por esses indivíduos (p. 130).

Mollica (1998) destaca que a avaliação das formas prestigiadas é oriunda das prescrições escolares e discorre acerca da inter-relação entre prestígio, mudança e escola, dizendo que a

¹ A *variação estilística* ocorre quando o falante adequa sua fala à situação de comunicação. As adequações são motivadas por ordens diversas, dentre as quais destacam-se o grau de formalidade da comunicação (formal x informal), a assimetria entre os interlocutores (colegas; namorados; amigos; pais e filhos; patrões e funcionários; professores e alunos, etc.), o grau de intimidade entre ambos, o tópico discursivo, etc. (COELHO *et al.*, 2015; FARACO & ZILLES, 2017). Tais relações são constantemente construídas na convivência em sociedade e todos os falantes neurotípicos têm conhecimento dessa realidade – ainda que não detenham conhecimento sistemático, ou seja, aquele advindo da escolarização formal, sobre as dinâmicas sociais e as coerções situacionais, os falantes sabem que sua fala se adequa às mais variadas situações comunicativas.

² A inserção de um segmento vocálico é uma estratégia da gramática do português brasileiro para reestruturar sílabas cuja organização não respeita os padrões fonotáticos que regem as estruturas silábicas da língua. No caso do vocábulo “advogado”, o segmento prototipicamente inserido é a vogal anterior alta [i], como ocorre em a[bi]sorver, pa[ki]to, a[pi]to e a[di]stringente (Callou & Leite, 1990). A presença da vogal média no vocábulo não faz parte – apenas – da ressilabificação, mas se relaciona à identificação do fenômeno de alteamento pretônico pelo falante, como em [si]nhora e [vi]ado, o que leva à interpretação de que todo [i] pretônico é derivado, devido à não sistematização dos contextos nos quais o fenômeno de manifesta. Isso faz com que, em itens lexicais cujo significado é prestigioso – e, portanto, mais saliente –, como “advogado”, “privilégio” e “meritíssimo”, o falante realize o abaixamento vocálico, incorrendo em hipercorreções.

escola atua na perpetuação de comportamentos linguísticos e no estabelecimento de estigmas sociais:

Grosso modo, nossa interpretação mais geral é a de que as regras que estão previstas na grade curricular da escola são evidentemente mais "audíveis", mais notadas e mais avaliadas pelos falantes (por exemplo, regras de concordância e regência). As demais, que não são explicitamente "despertadas" na escola, passam a fazer parte de pressão social mais ampla de que fala Santos. São construções, em geral, sociopragmaticamente marcadas e assumidas por falantes mais inseguros como altamente prestigiadas, ou então são usadas inconscientemente pelos falantes com finalidades comunicativo-funcionais claras. (MOLLICA, 1998, pp. 44-45)

Como se constata que a escola não atua como o único implementador da avaliação de prestígio das formas linguísticas, a autora chega às conclusões de que: a. os impulsionadores da mudança estão fora da escola; b. a escola é um dos espaços inibidores das inovações; c. os valores sociais são impressos dentro e fora da escola; d. a pressão escolar reforça os estigmas linguísticos; e. caso a escola não perceba aspectos linguísticos como fatos do sistema, suas significações sociais podem ser ignoradas (MOLLICA, 1998, p. 46)

Bagno (2012, p. 954-955) defende que há dois princípios regentes da hipercorreção. O primeiro princípio leva o falante a optar por formas menos habituais, estranhas à sua variedade linguística, em situações que lhe exigem um estilo mais monitorado. O segundo indica a valorização de padrões normativos em detrimento das formas já incorporadas à língua, nas situações em que o falante busca preservar sua imagem e se afastar do estigma das variantes não-padrões.

O fenômeno da hipercorreção atinge diversos níveis linguísticos: *orubu* (nível fonológico), *cabeu* (nível morfológico), *houveram olimpíadas* (nível morfossintático), *este livro trata-se de uma obra-prima* (nível sintático), *o seu hamster encontra-se morto* (nível semântico), *o professor saiu de sala e o mesmo disse que não demoraria* (nível textual) (BAGNO, 2012; MENDONÇA, 2020). Belga (2019) desenvolve um estudo sobre a hipercorreção na escrita e apresenta uma classificação das hipercorreções de acordo com duas categorias: a ortográfica e a estilística. A hipercorreção no nível ortográfico ocorre quando o escrevente foge à representação tradicional de uma palavra, a partir de uma alteração no nível segmental motivada por alguma regra estabelecida para outro contexto com o qual o escrevente identifica alguma semelhança (*tempeiro* por *tempero*; *vendír* por *vendi*). Já a hipercorreção estilística se refere à escolha em determinados contextos de um termo que se considera mais formal em relação a outro (*ele me afirmou isso, onde eu tive que mostrar o erro dele*).

Há que se destacar que, embora a literatura constantemente reforce o amálgama gramática-prestígio-escola, não apenas a identificação de traços da norma-padrão reforçados pela escola ou ainda de assimetrias sociais entre grupos de falantes fazem com que ocorra insegurança linguística. Há outros fatores (co)ocorrendo que pesam na avaliação sobre determinados traços, como a discrepância entre a fala e a escrita, além da "percepção" da propagação de determinada forma. Nesses casos a insegurança linguística não ocorre porque o comportamento foi prescrito pela gramática ou por conta de aspectos relacionados com características socioeconômicas de quem fala.

Fato é que o processo de hipercorreção não está restrito apenas aos menos escolarizados. Diversos trabalhos discutem a ocorrência de hipercorreção em textos produzidos por falantes escolarizados (LABOV, 2008, BAGNO, 2012; BORTONE e ALVES, 2014; BELGA, 2019), mas o fenômeno se torna mais marcado, a depender de fatores como o perfil social do falante, o gênero textual produzido, o veículo de comunicação etc. É interessante ainda pontuar que a hipercorreção não ocorre apenas em textos altamente monitorados. Ressalta-se que, embora seja

Da hipercorreção ao reforço pragmático: considerações sobre a marca de infinitivo

consenso que a comunicação nas redes sociais seja dinâmica e apresente características próprias, encontram-se também, na literatura, menções à informalidade e/ou ao baixo monitoramento das redes sociais como regra intransponível, sendo diversas as postulações que encaixotam a escrita digital – em especial a veiculada em rede sociais – como informal via de regra (FRUET *et al.*, 2009; OTHERO *et al.*, 2018). Há que se considerar, entretanto, que as redes sociais funcionam como suportes³ e não como gêneros textuais/discursivos específicos. Com isso, tanto as redes em que ocorrem postagens específicas, como *Twitter* e *Facebook*, e aquelas em que se desenvolvem majoritariamente conversações por chat, como o *WhatsApp*, vão suportar gêneros variados que serão construídos de acordo com as intenções comunicativas dos interlocutores (SOARES, 2012). Destaca-se, portanto, que as redes sociais não suportam apenas textos informais, mas sim textos que contemplam um *continuum* de formalidade, ou seja, do [- formal] ao [+ formal] (MARCUSCHI, 2008).

2. PRESCRIÇÕES EM AMBIENTES DIGITAIS

Dentro de ambientes digitais, como as redes sociais, os usuários constantemente fazem prescrições assistemáticas sobre as produções linguísticas uns dos outros. O caso da marca de infinitivo em verbos é bastante saliente à percepção dos usuários escolarizados da língua portuguesa, porque a escola reforça o estigma quanto à não representação do segmento na escrita (MOLLICA, 1998; QUEIROZ, 2016; ALMEIDA, 2016). O massivo *input* de normas de conduta linguística que recebe um falante ao longo de sua vida raramente se relaciona apenas ao uso de estruturas da língua, sendo muitas vezes acompanhado de um discurso de ódio aos membros de determinadas comunidades de práticas menos escolarizadas. As redes sociais, por terem sido, durante muito tempo, territórios livres para usuários expressarem opiniões das mais diversas, dentre as quais muitas violentas e agressivas, tornaram-se ambientes propícios para a propagação de preconceito linguístico.

As buscas por comentários prescritivos acerca das normas ortográficas de uso dos verbos mostram uma série de inconsistências nas “explicações”. O quadro a seguir mostra alguns dos problemas de prescrição mais recorrentes identificados nas redes sociais *Twitter* e *Instagram*, bem como exemplos de cada um deles:

PROBLEMAS MAIS RECORRENTES	POSTAGENS QUE EXEMPLIFICAM
Menção aos termos “palavra” e “letra”.	Você tem que colocar o R no final de muitas palavras... “onde eu acho tal coisa pra compra” “onde eu acho tal coisa pra faze” “eu preciso sai” É só uma letrinha. É só um R.
Menção a “palavras no infinitivo”, sem associá-las à classe dos verbos.	desafio pedacinho hein!! eu duvido vc conseguir usar R nas palavras q tao no infinitivo!!!! acha q consegue?

³ Um suporte é “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

Referência à classe dos verbos de maneira geral.	odeio quem escreve no status do msn "toma banho" "arruma o cabelo" "escova os dentes" "almoça" PORRA, BOTA O >R< NO FINAL DO VERBO
Nomeação da categoria "infinitivo", sem diferenciá-la das demais categorias verbais.	tenho meio que uma antipatia por pessoas que suprem o r final dos verbos no infinitivo. tipo "vou fala com vc", "vamos brinca", "gosto de come chocolate" TEM UM R AÍ! DEIXA ELE VIVEEEEEEEER

Quadro 1: Problemas de prescrição quanto ao uso do infinitivo

Como resultado dessas atitudes prescritivas (tanto as institucionais quanto aquelas extrainstitucionais), é gerada a insegurança linguística, um sentimento que pode levar ao hipermonitoramento da fala e da escrita. Dada a ausência de sistematização que acompanha essas avaliações, as reflexões que o falante faz sobre os usos da língua acabam sendo equivocadas em relação ao que prega a tradição e, quanto ao monitoramento de sua produção linguística, verifica-se o apoio nos modelos assistemáticos e defectivos de padrão/prestigiado que esse falante construiu ao longo de suas interações. Tal sucessão de fatos leva à produção de formas hipercorretas como as seguintes:



Imagem 1: Uso hipercorreto da marca de infinitivo

Observe-se que, na imagem 1, a marca -r é aplicada em dois verbos, conjugados em tempos e pessoas distintas “encontrará” e “encontrou”. Há ainda, no texto, o verbo “sabe”, que não recebeu a marca, evidenciando que o processo hipercorretivo é variável e confirmando a não sistematização da regra prescrita. No caso da marcação do -r por hipercorreção, encontram-se dados dos mais variados em relação aos verbos. Há criação de novos padrões linguísticos, como a marcação em -or, em “encontror” e ainda a criação da terminação -ur (*o Twitter me bloqueour*), além de coincidências com as formas infinitivas durante a marcação, tal qual em **ouvir dizer por aí que é isso mesmo; estar tudo nas mãos de deus; quem ver nem pensa**, e ainda marcações em verbos auxiliares *boje vair ser tudo de bom* (MENDONÇA, 2021).

Tal como a não representação da marca de infinitivo, o uso hipercorreto também é saliente à percepção dos escreventes. O uso da marca hipercorretiva -r também é mal avaliado, expondo os produtores da hipercorreção a um ciclo prescritivo-odioso, que pouco ou nada lhes ensina sobre o uso da marca -r. A seguir, um quadro com os principais casos de prescrição identificados na rede social *Twitter*, e exemplos de cada problema:

Da hipercorreção ao reforço pragmático: considerações sobre a marca de infinitivo

PROBLEMAS MAIS RECORRENTES	POSTAGENS QUE EXEMPLIFICAM
Referência ao termo “palavras”.	ai gente eu odeio o povo que <u>colocar</u> um r nas palavras que não tem
Associação do uso hipercorretivo da marca de infinitivo com “não conjugação”.	<p>Que agonia de quem não conjuga o verbo: Eu sorrir muito EU SORRI MUITO CACETE</p> <p>Eu mentir pra você EU MENTI PRA VOCÊ PORRA</p> <p>Verbo no pretérito perfeito. Para de colocar no infinitivo que ódio</p>
Menção a algumas categorias verbais, sem apresentar qualquer sistematização.	<p>Percebir, aprender, esquecer, vender, perder...</p> <p>Em que ano da escola as pessoas aprenderam a transformar a 1ª pessoa do singular no pretérito perfeito em um infinitivo? Acho que faltei a essa aula.</p> <p>Ou é o vírus da diarreia mental que contamina as pessoas pelas redes sociais?</p>

Quadro 2: Problemas de prescrição quanto à hipercorreção do infinitivo

Destaque-se que não há processo de hipercorreção sem consciência linguística, uma vez que a hipercorreção requer a identificação de distinções entre variedades de língua, tipos e ocorrências específicas. O desenvolvimento dessa consciência está intimamente relacionado às experiências sociais do falante, já que o uso é guiado também por pressões sociais advindas das avaliações que fazem as comunidades de fala sobre formas linguísticas específicas. Observem-se as imagens a seguir:

A falta de um verbo no infinitivo causa mtos problemas



0:30 · 15 dez. 21 · [Twitter for Android](#)

Imagem 2: interpretação de substantivo como verbo

Eu nunca vou esquecer de uma menina do fundamental quando a gente tava aprendendo verbos e q tinham 3 tipos de terminações do **infinitivo** (-ar, -er e -ir) e ela meteu um "vocês sabiam que quando a gente chegar no 8^o ano a gente vai aprender outras terminações tipo "-or" em "amor"



Imagem 3: hipóteses do falante sobre a morfologia verbal

Na imagem 2, o rótico final da palavra “pintor” foi analisado como infinitivo, mostrando uma associação ao segmento apenas, e não ao elemento morfológico. Já na imagem 3, identifica-se uma generalização da “regra de terminação verbal” apresentada na escola, associando a sequência vogal + -r como expoente da morfologia verbal e, com isso, assumindo todas as possibilidades, como as terminações -or e -ur.

Não é equívoco afirmar, quanto aos casos de hipercorreção da marca de infinitivo, que o fenômeno decorre da criação de hipóteses dos usuários da língua acerca das normas a que foram expostos. Por se tratar de uma “regra ortográfica” prescrita tanto pela escola quanto por aqueles que passaram por instrução formal sobre as normas ortográficas da língua portuguesa, o falante passa a pensar criticamente sobre as regras apresentadas, na tentativa de lhes atribuir sentidos, tornando explícitos os distintos graus de consciência linguística dos falantes. O processo de racionalização sobre os fatos da língua, tal como demonstrado nas imagens anteriores, é uma evidência a favor da necessidade de se desempenhar um ensino produtivo de fatos gramaticais.

3. ENRIQUECIMENTO DE CONTEXTOS DE USO

Para além de um movimento hiper corretivo, o uso dos róticos vem, recentemente, sendo ampliado como uma marca de reforço pragmático, na qual o falante/escrevente aplica o rótico para conferir carga emocional ao discurso, demarcando o uso da função atitudinal postulada por Basílio (1987), configurando, portanto, um fenômeno morfopragmático. Destaque-se que o uso morfopragmático da hipercorreção é circunscrito a comunidades discursivas específicas (digitais), inserindo-se, por conseguinte, na função indexical (BASILIO, 1987). Além disso, a marca é altamente aplicável, mais especificamente, palavras de todas as classes podem recebê-la.

Observe-se a imagem seguinte:

Da hipercorreção ao reforço pragmático: considerações sobre a marca de infinitivo

o conceito de tirar o R das palavras que têm R no final e colocar R nas palavras que não terminam com R

ex:

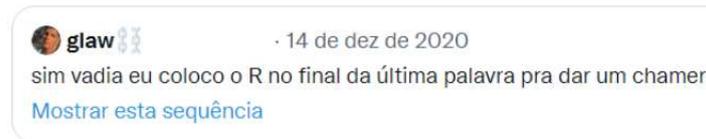
queria esta	veyr
senho	cader
meu amo	queror
por favo	manor

9:28 PM · 29 de nov de 2020 · Twitter for iPhone

Imagem 4: menção ao uso consciente do -r final de palavras

Na imagem 4 há uma menção à supressão e à inserção hipercorretiva intencionais do -r, destacando que os usuários têm plena consciência das suas práticas linguísticas. É possível perceber que o fenômeno apresenta alguns padrões em relação aos contextos de uso e aos significados que reforça a marca. Observem-se os exemplos que seguem:

Nao gostour mor? Fodaser



1:43 AM · 15 de dez de 2020 · Twitter for Android

Imagem 5: padrões estruturais da hipercorreção

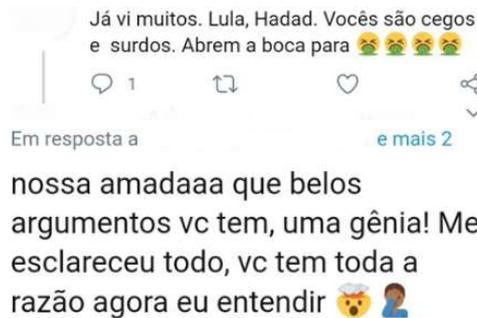


Imagem 6: resposta com hipercorreção

Na imagem 5, quanto ao padrão estrutural, dois *tweets* mostram formas distintas de como ocorre a aplicação repetida e intencional da marca hipercorretiva – ao final da última palavra ou em todas as palavras sem coda consonantal. A imagem 5 apresenta duas mensagens irônicas, tal como se apresenta na imagem 6. Note-se que, em ambos os casos, é possível identificar a associação feita com a avaliação negativa da hipercorreção, tendo em vista o teor grosseiro das mensagens (grosso modo, “escrever errado como forma de demarcar a ironia”).



Imagem 7: compilado de casos de ênfase

Observa-se, na imagem 7, um compilado de casos distintos de uso da marca morfológica. Nesse exemplo, as ocorrências da hipercorreção são analisadas como enfáticas. Há distintas formas de enfatizar apresentadas nos dados: a. em “odior”, a marca é utilizada em um contexto que articula tanto insatisfação (identificável a partir do sentido item lexical) quanto humor (representado por “kkkkk”); b. “Oir” apresenta um contexto de apreciação, sendo utilizada a hipercorreção como forma de reforçar a aproximação entre locutor e interlocutor, o seu interesse afetivo etc.; c. “velhor” apresenta um vocativo lexicalizado como interjeição, que, por si só, já destaca a euforia do enunciador para com a situação enunciada; a marca é analisada como um reforço apreciativo, identificável pelo uso dos emoticons; d. “conheçoR” é analisado como ênfase à ação verbal⁴.



Imagem 8: atenuação de palavra estigmatizada

⁴ Isso é feito em associação à estratégia fonológica de alongamento das vogais, como em “adorooooo”.

Da hipercorreção ao reforço pragmático: considerações sobre a marca de infinitivo

Vocês já beberam alguma coisa alcoólica sendo menor de idade?

Me: eeee sim

Imagem 9: atenuação da informação discursiva

As imagens 8 e 9 apresentam outro contexto de uso da hipercorreção, a atenuação. Na imagem 8, observa-se a atenuação de uma palavra de baixo calão, que carrega, portanto, estigma social. O uso da hipercorreção parece tornar a palavra menos “agressiva”, fazendo com que ela possa ser usada em mais ambientes. A imagem 9 apresenta outra faceta da atenuação, dessa vez, quanto à mensagem. O enunciador apresenta um fato ilegal, uma pessoa menor de idade ingerir bebidas alcoólicas. O uso da marca hipercorretiva, portanto, está relacionado à atenuação da informação apresentada.

Tomam-se os postulados de Heine (2002) acerca do fenômeno da gramaticalização como aporte para as análises aqui realizadas. Apesar de o caso da hipercorreção da marca de infinitivo não configurar um caso de gramaticalização, adota-se aqui, a perspectiva teórica dos Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2002; PIERREHUMBERT, 2001; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2020), que concebem a língua como um sistema que comporta, em sua constituição, variação e gradiência. Tal perspectiva teórica descreve a gramática como uma organização cognitiva de experiências com a língua (BYBEE, 2016, p. 28). Tal perspectiva postula que não há processos específicos para a organização do conhecimento linguístico, mas sim processos cognitivos de domínio geral que regem a organização do conhecimento linguístico, mas que são compartilhados por outras áreas do conhecimento (BYBEE, 2002). A língua é um sistema dinâmico cujas estruturas não são únicas, estáticas e homogêneas, no qual a gradiência exerce papel fundamental para a mobilidade do sistema. A perspectiva dos MBU considera a gramática não modular, sendo as informações gramaticais dispostas em *continua* (dentre eles, o *continuum* flexão x derivação, por exemplo). Os MBU admitem representações múltiplas na organização do conhecimento linguístico, postulando que informações contextuais também são arquivadas durante a estocagem das informações (BYBEE, 2016). As operações linguísticas, para a teoria, são regulares e recorrentes, daí a possibilidade de se admitir as semelhanças no processo de gramaticalização e na construção do reforço pragmático aqui analisada.

Heine (2002) postula que o processo de gramaticalização ocorre de modo gradual, passando por estágios nos quais ocorrem distintos arranjos contextuais. Há, na gramaticalização, a construção de um continuum, em que a passagem de um contexto inicial, no qual há apenas um significado fonte, para um contexto de convencionalização, no qual o significado inicial não é mais evocado, se dá via sucessão de estágios nos quais operam as reanálises. Os estágios descritos são quatro: i. o estágio inicial apresenta contexto irrestrito e o significado do elemento linguístico é o significado fonte; ii. há transição para o contexto bridging (que pode ser mais de um), o qual consiste na emergência de inferências contextuais em favor de um novo significado; iii. na sequência, um contexto switch, que é incompatível com o significado fonte; iv. finalmente, o estágio de convencionalização, que consiste em contextos nos quais não há mais correlação com o significado inicial.

Não há, com isso, mudança abrupta, mas período(s) de coexistência, nos quais o(s) significado(s) alvo se veicula(m) pragmaticamente, que, posteriormente, levam à fixação desse(s) significado(s) emergente(s). Para Heine (2002), gradualmente, o significado fonte ganha saliência até que se torne o único possível e independa dos seus traços contextuais originários. Tal como ocorre na gramaticalização, a construção do reforço se dá de maneira gradual, envolvendo uma série de conhecimentos e processos cognitivos, como exemplificado na imagem 11 a seguir:

Hipercorreção

Reforço pragmático

Sentido fonte	Sentido fonte / sentidos emergentes	Sentidos emergentes
avaliação negativa	ironia	reforço / atenuação

Imagem 10: Continuum hipercorreção x reforço pragmático

Sabendo-se do estigma associado à hipercorreção da marca de infinitivo, retratada na seção 2, analisam-se o fenômeno aqui apresentado como fruto de um processo gradual, em que os falantes tomam por base a avaliação negativa que sofre a hipercorreção e efetuam uma reanálise pragmática. Ocorre, nos usos intencionais da marca hipercorretiva, um movimento de reavaliação, operando junto ao conhecimento do interlocutor – sabe-se que há avaliação negativa e usa-se disso como produtor de uma mensagem de humor (uso caricato de variantes estigmatizadas). A partir disso, são ampliados os contextos de uso, levando ao afastamento gradual do estigma quanto à hipercorreção e chegando nos casos de reforço e atenuação.

CONCLUSÃO

Este trabalho concentrou-se na análise do uso da hipercorreção do infinitivo como uma marca de reforço pragmático. Apresentaram-se, ao longo do trabalho, textos que abordam o fenômeno da hipercorreção (LABOV, 2008 [1972]; BAGNO, 2012; BORTONE; ALVES, 2014; BELGA, 2019), bem como os principais problemas identificados na prescrição quanto ao uso da marca de infinitivo.

Buscou-se discutir como ocorre a transição do segmento de uma hipercorreção a uma marca linguística de reforço. Defendeu-se, no trabalho, que o comportamento prescritivo assistemático leva a padrões de hipercorreção e que a identificação do estigma possibilita aos falantes a reanálise da hipercorreção, levando a marca de infinitivo a operar como elemento de construção de sentidos, demarcando função atitudinal (BASÍLIO, 1987).

O fenômeno foi analisado em um *continuum* hipercorreção x reforço pragmático, no qual se exemplifica o afastamento gradual da avaliação negativa atribuída à hipercorreção da marca de infinitivo, via reanálise pragmática. As principais funções textuais-discursivas identificadas foram a ironia, o reforço e a atenuação.

O processo de reforço articula, constantemente, elementos audiovisuais e hipertextuais, característicos dos suportes digitais (MARCUSCHI, 2008). Por se tratar de um fenômeno manifestado em alguns ambientes digitais, como redes sociais e aplicativos de *chat*, o fenômeno apresenta função indexical (BASÍLIO, 1987).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniele Cristina de. *Tratamento didático do apagamento e inserção da rótica em final de verbos*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (Dissertação - Mestrado Profissional em Letras), 2016.

Da hipercorreção ao reforço pragmático: considerações sobre a marca de infinitivo

- BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BASILO, M. Formação e classe de palavras em português. São Paulo: Contexto, 2004.
- BASILO, M. Teoria lexical. São Paulo: Ática, 1987.
- BELGA, Juliana dos Santos. *Hipercorreção na escrita acadêmica: uma análise de textos de alunos da graduação em Direito*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Dissertação (mestrado), 2019.
- BORTONE, Marcia Elizabeth; ALVES, Scheyla Brito Alves. O fenômeno da hipercorreção. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Por que a escola não ensina gramática assim? São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BYBEE, Joan L. Língua, uso e cognição. São Paulo: Cortez, 2016 [2002].
- CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística Educacional: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CESAR, H. H. F. Acréscimo do grafema <r> em coda silábica: intervenção para casos de hipercorreção. Seropédica: UFRRJ/PROFLETRAS, 2017.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. Para conhecer Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2015.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís; GOMES, Christina Abreu. Teoria de Exemplos. In: HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, p. 157-168, 2017.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís; GOMES, Christina Abreu. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos. In: GOMES, Christina Abreu (Org.). *Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística*. São Paulo: Contexto, 2020.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.
- FRUET, Fabiane Sarmiento Oliveira; WINCH, Paula Gaida; FAGAN, Daiane; ZEMOLIN, Ana Paula. Internetês: ameaça à ou evolução na língua portuguesa? In: *Revista da Anpoll*, [s.l.], v. 1, n. 26, p. 99-114, 2009.
- HEINE, Bern. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 83-102.
- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Contexto (2008 [1972]).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MENDONÇA, Caio Mieiro. “A maldade está nos olhos de quem ver”: supergeneralização na marcação de -r em final de verbos. In: 18º SEDITA - Seminário de Dissertações e Teses em Andamento, 2020, Rio de Janeiro. *Caderno de Resumos do 18º SEDITA*, 2020. v. 1. p. 21-21.
- MENDONÇA, Caio Mieiro. “O mundo não gira, ele capotar”: hipercorreção e variabilidade no uso da coda (r) ao final de verbos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)

MOLLICA, Maria Cecília. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

OTHERO, Gabriel de Ávila; CYRINO, Sonia; SCHABBACH, Giulia; MADRID, Leonardo; ROSITO, Rodrigo. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em *corpora* escritos com características de fala. In: *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 45, mai./ago., 2018, pp. 68-89.

PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: “Word frequency, lenition and contrast”. In J. Bybee and P. Hopper (eds.), *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

_____. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: R. BOD, J. HAY, S. JANNEDY (eds.). *Probabilistic Linguistics*. Cambridge: MIT Press, p. 177-228, 2003.

QUEIROZ, Verônica Tozzo de. *A ausência de registro da vibrante na escrita de alunos do Ensino Fundamental II em ambiente on-line e off-line*. Rio de Janeiro: PROFLETRAS UFRJ, 2016.

SOARES, Vilma de Fátima. Neologia e era digital: a informalidade da linguagem na web. In: *Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, Nº 04, t. 3. Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. (2310-2323).

FROM HYPERCORRECTION TO PRAGMATIC REINFORCEMENT: CONSIDERATIONS ABOUT THE INFINITIVE MORPHEME

ABSTRACT: *This paper aims to analyse the use of the hypercorrection of the morphological mark of infinitive as a pragmatic reinforcement, as the examples i. “não entender nadar”; ii. “Oir, tudo bom?”; iii. “ce tá lindor”. The data observed on this paper consist of texts written at digital platforms, as the social medias Twitter and Instagram, as well as the chat app WhatsApp. The goals of this study are showing how prescriptions lead to hypercorrective patterns, and discussing how the transition of the morpheme -r to a pragmatic reinforcement mark occurs, identifying it’s main textual-discursive functions. The analysis here presented are base on the postulates of Usage-Based Models (BYBEE, 2016 [2002]; HEINE, 2002; PIERREHUMBERT, 2003, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2020).*

KEYWORDS: *Hypercorrection, Infinitive, Pragmatic reinforcement.*